

NOTA BIBLIOGRÁFICA  
A PROPÓSITO DE UM LIVRO RECENTE

*Marcelo Perine*

*Actualité d'Éric Weil.* Actes du Colloque International. Chantilly 21-22 mai 1982, édités par le Centre Eric Weil, U.E.R. de Philosophie. Université de Lille III, Bibliothèque des Archives de Philosophie 43, Paris, Beauchesne, 1984., 427 p.

As dificuldades para “dar as contas” de um livro como este procedem tanto da forma quanto do conteúdo, mais deste que daquela dada a relevância do pensamento que o livro coloca na ordem do dia e cujo título traduz com grande propriedade. Trata-se da atualidade de Éric Weil (EW), um pensador que, infelizmente, nos meios filosóficos brasileiros, goza da inatualidade do ignorado.

Não cabe aqui buscar explicações para este fato que priva a reflexão filosófica brasileira de um dos mais fecundos pensamentos desta segunda metade do nosso século. As razões de tal esquecimento devem ser buscadas na própria obra e na atividade do homem e do filósofo, marcadas pela austeridade de um estilo “seco e abstrato” que fugia a toda “prolixidade e à ênfase”, e cujo grande “perigo” era o de evitar a “compreensão em superfície, que faz que não se creia obrigado a tudo controlar porque se pensa ter a ver com o conhecido” (cf. EW, *Logique de la Philosophie*, Paris 1974<sup>2</sup>, 86, aqui citada LP).

EW gostava de dizer que em matéria de filosofia a clareza da exposição e a facilidade de leitura se excluem mutuamente (cf. LP, 441) e, é por esta razão que, no final da Introdução do seu grande livro de 1950, a LP, que consagra a sua entrada no panorama filosófico contemporâneo, ele manifesta o temor sobre a facilidade de leitura como um obstáculo à apropriação e ao julgamento pertinente sobre a obra que ele submetia ao Júri da Sorbonne, para a obtenção do Doutorado de Es-

tado, e ao público. O autor se desculpa se a sua inquietação acabou por levá-lo muito longe (cf. LP, 86).

O livro que ora apresento tem o grande mérito de reconhecer ao pensamento de EW a atualidade que lhe pertence, isto é aquela, em primeiro lugar, da filosofia que, depois de Hegel, não é senão o seu tempo captado no conceito, e, por conseqüência, a atualidade do nosso próprio tempo compreendido porque compreender, como diz EW, significa "tomar juntas as contradições na unidade de um sentido, num discurso que concilia o homem com aquilo que é como o seu outro e que não se torna mundo senão no discurso" (LP, 425). Seja, portanto, reconhecido ao Centro Éric Weil da Universidade de Lille III o mérito de ter promovido, juntamente com o Centro Cultural "Les Fontaines" de Chantilly, este Colóquio Internacional que reuniu mais de 40 especialistas para discutir a atualidade do pensamento de EW.

O livro recolhe as comunicações que foram apresentadas e discutidas durante o Colóquio. A apresentação do livro corresponde ao desenvolvimento do Colóquio: uma breve apresentação por E. Naert, diretora do Centro Éric Weil, dois pequenos artigos de homenagem ao homem e ao filósofo por P. Reboul e Y. Belaval, duas mesas redondas sobre a LP, a primeira dirigida por M. Régnier e a segunda por P. J. Labarrière, uma mesa redonda sobre Moral e Política, dirigida por R. Polin, e uma sobre a Leitura dos Filósofos, dirigida por L. Sichirollo. O Colóquio se concluiu com uma brilhante conferência de P. Ricoeur. A publicação das Atas apresenta ainda um apêndice, de G. Kirscher, que vem completar a bibliografia de EW, assinalando também as mais recentes traduções de suas obras e os últimos estudos publicados sobre ele.

A primeira mesa redonda sobre a LP desenvolve-se em torno a temas que dizem respeito ao conjunto e estrutura daquela obra que, segundo M. Régnier, "é a obra essencial de EW, mesmo se, parece, ela não é a melhor conhecida" (p. 27). Destacam-se neste primeiro grupo duas comunicações. A de P. F. Taboni sobre "A Introdução à LP ou da interpretação autêntica desta *Lógica*" (pp. 29-44), na qual o autor, fazendo apelo ao conceito aristotélico de *epagagé*, conceito este, diga-se de passagem, muito caro a EW (cf. EW, "Quelques remarques sur le sens et l'intention de la métaphysique aristotélicienne", *Essais et Conférences*, I, Paris 1970, 81-105, aqui citado EC, I), destaca-se a função de *condução* à doutrina e de doutrina ela mesma, da *Intro-*

dução da LP (cf. p. 30). Assim se compreende, para além do factual e anedótico (de fato, a *Introdução* da LP foi escrita atendendo a um pedido de J. Wahl, que era o diretor da tese de EW), que a *Introdução* seja "a outra exposição do sistema que parte dos seus resultados" (p. 34), e que ela "restitui o sistema, a filosofia, à vida corrente" (p. 35).

A comunicação de P. J. Labarrière, extremamente compacta, defronta-se com aquilo que eu chamaria a "pedra de tropeço" do pensamento de EW para os hegelianos, pois é perfeitamente verdadeira a afirmação de G. Kirscher que diz "compreender EW é compreender a sua compreensão e a sua crítica de Hegel" (cf. "Éric Weil: la philosophie comme logique de la philosophie", *Cahiers Philosophiques* 8 (1981) 25-69, aqui 28). P. J. Labarrière fala da "ambiguidade suprema que marca a situação das duas últimas categorias — aquela do sentido, e sobretudo aquela da sabedoria — em continuidade e em descontinuidade com a seqüência das categorias" (p. 51). A mesma questão, sob outro aspecto, será retomada na comunicação final de P. Ricoeur (pp. 407-423). O nó da questão está, como é evidente, no que EW chama de *ultrapassamento de Hegel* e que, como também é evidente mas, hegelianamente falando, não deveria sê-lo, faz problema para os hegelianos (Para uma exposição mais detalhada da posição de P. J. Labarrière ver: *Le discours de l'altérité*, Paris 1983, 83-97).

A segunda mesa-redonda sobre a LP concentra-se, segundo as palavras do seu coordenador, em "problemáticas, senão mais regionais, pelo menos mais determinadas" (p. 119), considerando certas partes do discurso total da LP. Reunidas em três blocos, as 6 comunicações refletem sobre *Filosofia e Religião*, ou *Deus* na LP (cf. A. Olmi, "A propósito de *Deus*", pp. 125-133; P. Fruchon, "Filosofia e religião na LP", pp. 135-142; G. Grosselin, "A religião e a ciência", pp. 143-149), a *Figura do Poeta* (cf. J. Quillien, "As figuras do poeta na LP" pp. 151-163 e A. Billaz, "O filósofo e o poeta segundo EW", pp. 165-173) e a *Categoria da Inteligência* (cf. M. Depadt-Ejchenbaun, "A inteligência ou o contra-senso do sentido", pp. 175-181).

Não é possível, dada a particularidade das abordagens, fazer considerações de conjunto sobre esta parte da obra. Creio, contudo, dever salientar que as análises de J. Quillien e de M. Depadt-Ejchenbaun são particularmente iluminadoras dos aspectos que tomam em consideração. A breve comunicação de M. Depadt-Ejchenbaun descobre a categoria da *Inteligência* na sua relação com a da *Obra* (cf. LP, 263-281,

345-367), apresentando a primeira na mesma linha de violência característica da segunda e revelando-a, deste modo, como o contraponto do *Sentido*. A comunicação de J. Quillien revela na poesia, mais precisamente na atividade poética, um dos fios condutores que permitem compreender, na sua unidade, a diversidade das atitudes e categorias. Note-se ainda que as tentativas de A. Olmi e de P. Fruchon, de "repensar a fé em função das categorias da *Ação* e do *Sentido*" serão severamente criticadas na comunicação de P. Ricoeur como procedentes "de uma outra filosofia que aquela de EW e não se justificam senão num diálogo com ele (EW) que reconheça nele o homem que disse adeus a Deus" (p. 408s). Não é o caso de discutir o mérito das tentativas de A. Olmi e de P. Fruchon, nem o rigor, a meu ver excessivo, da crítica de P. Ricoeur. Contudo, valeria a pena, e aí estaria um filão riquíssimo que viria confirmar mais uma vez a atualidade de EW, confrontar estas análises e a sua crítica com o excelente artigo de H. Bouillard sobre a questão (cf. "Philosophie et religion dans l'oeuvre d'Éric Weil", *Archives de Philosophie* 40 (1977) 543-621).

A segunda seção do livro — *Moral e Política* — apresenta 12 comunicações que, segundo as palavras do coordenador da mesa redonda, se concentram sobretudo "sobre a antropologia e moral de EW", negligenciando talvez demasiadamente a sua política "que não é abordada senão sob aspectos muito gerais e de modo um pouco verbal" (p. 188). De fato, não só pela razão apontada por R. Polin, o tema central desta seção, que eu considero o verdadeiro Sésamo da filosofia de EW, não recebe o tratamento que a sua importância merece. Salvo 4 comunicações, por diferentes razões, toda esta seção não apresenta qualquer contribuição expressiva para a discussão e aprofundamento do pensamento de EW.

Refletindo sobre "Lógica e Moral", G. Even-Granboulan levanta uma questão de grandíssima importância: "pode a ação ser totalmente racional e a moral se curvar às leis da lógica?", ou, noutras palavras, "que lugar atribuir à lógica, quando se trata de fundar e legitimar a moral?" (p. 190.) Lamentavelmente a análise da autora não só não corresponde às expectativas que a gravidade da questão suscita no espírito do leitor mas, o que é mais grave numa comunicação apresentada a um colóquio internacional de filosofia, ignorando praticamente toda a reflexão de EW na sua *Moral* (cf. *Philosophie Morale*, Paris 1969<sup>2</sup>, citada PM), citada apenas duas vezes, a autora limita-se a tomar em consideração apenas alguns aspectos da *Política* (cf. *Philoso-*

*phie Politique*, Paris 1971<sup>3</sup>), fechando assim a possibilidade de uma autêntica resposta weiliana à questão que, a meu ver, começaria por uma reformulação dos próprios termos da questão: o que importa para EW é a "razoabilidade" e não a "racionalidade" da ação, em termos de moral e, o que se deve buscar é o lugar da moral dentro do discurso total da lógica.

A comunicação de L. Battaglia ("Algumas observações sobre a *Filosofia Moral*, pp. 201-211) apresenta a curiosa, para dizer o menos, distinção entre duas significações da razão, que estariam superpostas na filosofia de EW, e que ela "por comodidade" designa pelos termos de substancial e formal. Uma vez "introduzidas" estas duas significações que, segundo a autora, EW parece ignorar posto que ele não as distingue (no que ela tem razão), ela pode também afirmar que é arbitrário identificá-las como, segundo a autora, parece fazer EW (no que ela não pode ter razão se razão ela tem ao afirmar que aquela distinção é ausente no pensamento de EW!) (p. 290s). Segundo L. Battaglia, o valor absoluto reconhecido por EW à pessoa humana, pode ser reconhecido ou negado sem que por isso aquele que o reconhece ou nega deixe de ser razoável. Isto significa fazer do princípio, antes que um dado incontestável da razão (como de fato o é para EW), "um postulado de valor cujo caráter é e permanece, de maneira insuperável, hipotético, (p. 210). Ainda segundo a autora, com o reconhecimento do caráter hipotético do postulado assumido como fundamento do sistema, a concepção ético-política de EW "ganhará em utilidade o que ela perderia em ambição" (id.), renunciando às pretensões de universalidade e ganhando em operacionalidade (p. 211). Resta perguntar à autora se este tipo de consideração "hipotética" pode ser justificada com relação a uma filosofia — a de EW — que repudiou no mais alto grau todo "construtivismo" dos sistemas hipotético-dedutivos em filosofia (cf. EW, "La philosophie est-elle scientifique?", *Archives de Philosophie* 33 (1970) 353-369).

A comunicação de R. Caillois ("A violência pura é demoníaca?", pp. 213-222) é interessante pela tentativa de compreensão do mal radical não como uma possibilidade do indivíduo humano enquanto tal, mas enquanto violência pura, ele seria o *demoníaco* como possibilidade — no sentido de potencialidade — da humanidade que se revela como *demoníaco* quando identificado e manipulado pelo totalitarismo. Finalmente, a comunicação de A. Tosel ("EW face a crítica da razão formal ou a dignidade da forma", pp. 279-287), apresenta o mérito de uma confrontação — ainda que rápida — do pensamento de EW

com o racionalismo dialético próprio do "marxismo" ocidental, "tal como ele pode ser sustentado por G. Lukács, na sua versão forte (...) e na sua versão fraca, por M. Horkheimer" (p. 279). A diferença de um é de outro, EW "envia cada um à sua responsabilidade", e a sua Razão-Forma "incomoda todo sono dogmático, toda espera de salvação de uma figura substancial" (p. 287). Em outras palavras: "EW, ou talvez, uma terceira via em filosofia e em prática, ou esta questão, ela mesma, não tem mais sentido, se é verdade que há uma razão una" (id.).

A terceira seção do livro é dedicada à *Leitura dos Filósofos*. São 8 comunicações: duas sobre a leitura de Kant, uma sobre a leitura de Kant e Hegel, 3 sobre a leitura de Hegel, uma sobre a leitura de Marx e uma sobre a relação entre Weil e Nietzsche. Deparamo-nos aqui com os momentos mais elevados do livro. Antes de tudo por colocar na ordem do dia duas obras de EW, consideradas "menores", a saber: *Hegel e o Estado* e *Problemas Kantianos* (a primeira publicada em 1950 e que já se encontra na 5ª edição, a segunda publicada em 1963, revista e aumentada de um capítulo sobre a moral, a religião e o mal radical em 1970). A leitura destas duas obras, assim como a acuidade das questões levantadas no Colóquio de Chantilly mostram à saciedade que o adjetivo "menor" só lhes pode ser aplicado quantitativamente, pois elas traduzem toda a grandeza de um pensamento que fazia florescer as evidências despercebidas, portanto paradoxais, por onde passava, como disse P. Reboul na abertura do Colóquio de Chantilly (p. 15).

Para comprovar o que acabo de dizer, baste a leitura da comunicação de P. Marignac ("O destino da filosofia política de Hegel depois de *Hegel e o Estado*", pp. 375-385), ou então a de M. Barale ("EW intérprete de Kant e de Hegel", pp. 349-360), a qual termina com esta afirmação que, aplicada a Weil, não é de modo nenhum uma frase de efeito posto que traduz a legítima pretensão da sua filosofia: "Aquele que não pode ser aquilo que ele é sem se compreender não tem o direito de renunciar a compreender o que quer dizer compreender" (p. 360). *Hegel e o Estado* e *Problemas Kantianos*, que estão no centro da discussão desta quarta mesa redonda do Colóquio de Chantilly, traduzem à perfeição a auto-definição de EW como um "kantiano pós-hegeliano", reportada uma vez por P. Ricoeur e que se tornou famosa (cf. "Le concept de liberté religieuse", em *Hermétique de la liberté religieuse*, Paris 1968, 223).

Seria demasiadamente longo considerar, ainda que de passagem, as 8 comunicações desta seção. Limito-me a duas que reputo as mais brilhantes: a de P. Billouet ("Por que Kant faz problema?", pp. 327-339), pela qualidade da questão que levanta ao conjunto da obra de EW, e a de F. Marty ("O surgimento da questão do sentido em Kant e em EW", pp. 341-347), pela impressionante penetração na compreensão da leitura weiliana da unidade do pensamento de Kant a partir da Terceira Crítica que, segundo EW, marca uma segunda revolução no seu pensamento (cf. *Problèmes Kantians*, Paris 1970<sup>2</sup>, 106, citado PK).

A comunicação de P. Billouet apresenta, talvez, a *maior* questão já levantada à filosofia de EW a partir dela mesma, isto é da sua história, a saber: não significaria *Problemas Kantianos* uma segunda revolução no pensamento de EW que colocaria em questão a *Lógica da Filosofia* como "o pensamento de todo o pensável" (LP, 427)? Se sim, então Weil (assim como Kant para Weil) faz problema e é "incontornável", "inultrapassável" e "insustentável", ou seja: Weil (assim como Kant para Weil) faz problema para Weil, isto é para nós que lemos Weil depois de PK, e não conseguimos ver o "desacordo fundado" (PK, 8) a propósito de Kant. Se não, então Weil ganhou a aposta: Kant só faz problemas para Kant, isto é para nós que lemos Kant antes de ler PK; e a LP, então, não é colocada em questão porque, enquanto todo o pensável pensado, ela já contém "avant la lettre" a resposta aos problemas kantianos. Está aí, ao meu ver, todo um campo aberto para a pesquisa que, certamente, levaria à conclusão que EW viu o que o gigante não viu porque se colocou sobre os seus ombros, e que ele não viu somente que "os cadarços do sapato do gigante não estão assim tão limpos como deveriam estar" (p. 339).

A pequena, mas luminosa, comunicação de F. Marty, neste caso, apresenta-se como uma contribuição indispensável para mostrar que a LP é já a linguagem que faltou a Kant (cf. PK, 107), e que a obra de EW é um dos sucessos, quanto ao essencial, da obra de Kant: "nela a questão do sentido encontra a sua linguagem. A Obra de Weil ensina a ler Kant" (p. 345).

Seria um lugar comum fora de lugar dizer que o livro se conclui com chave de ouro. A comunicação final de P. Ricoeur não fecha nenhuma das questões levantadas durante o Colóquio, antes, a relança e aprofunda a exigência de discussão de um pensamento que, desde o seu início nos quase distantes anos 20 até o desaparecimento do filó-

sofo em 1977, esteve sempre colado à realidade e, portanto, tão atual quanto ela. Pelas questões que apresenta à filosofia de EW, a comunicação de P. Ricoeur me faz pensar que aquilo que EW disse de Hegel vale também para EW: "Hegel não é um autor fácil... Hegel é claro, não *se bem* que, mas *porque* ele exige do seu leitor um grande esforço de colaboração" (cf. *Hegel et l'État*, Paris, 1980<sup>s</sup>, 17). Esta lembrança não quer de modo algum lançar qualquer suspeita sobre uma possível recusa de esforço por parte de P. Ricoeur, na sua leitura de EW. Pelo contrário, são justamente as três questões que ele levanta e desenvolve, que atestam a sua colaboração emprestada à compreensão de EW. Nada é mais weiliano que a *discussão* e a *coerência do discurso* e, aqui, é justamente a coerência do discurso que é posta em discussão. Eis as questões de P. Ricoeur: "1) Qual é a significação da categoria do *Absoluto*? 2) Em que sentido a categoria da *Ação* permite retomar o projeto de discurso coerente além da categoria do *Absoluto*? 3) De que maneira as últimas categorias do *Sentido*, da *Sabedoria* preservam o caráter de discurso coerente que parece ter sido rompido, ou pelo menos profundamente alterado, ao mesmo tempo pela saída para fora da categoria do *Absoluto*, pela promoção da categoria da *Ação* e pela permanência ou o ressurgimento da violência fora do discurso e no discurso?" (p. 407). Esta é, segundo P. Ricoeur, "a aporética do discurso weiliano" (id.).

Não é o caso de percorrer aqui o desenvolvimento destas questões. O leitor de EW se apercebe imediatamente da sua gravidade, da sua origem e do seu fundo. São questões pertinentes e incontornáveis para uma necessária segunda leitura da LP de EW. P. Ricoeur termina a sua comunicação reconhecendo que aquilo que Weil diz de todo livro filosófico é verdadeiro também da LP: "A única introdução ao sistema encontra-se no seu fim e consiste na justificação da escolha que foi feita no início. Ela se confunde com a prova da circularidade. Isto implica que todo livro filosófico não é verdadeiramente compreensível senão na segunda leitura, posto que a primeira 'idéia' não é pensada, quer dizer completamente desenvolvida e assim captável senão na última, posto que somente então a aparência de uma primeira e de uma última idéia se dissipa" (LP. 441).

Atualidade de Eric Weil? Sim, atualidade de um homem que "não corria atrás das honras e dos sucessos", de um homem "estabelecido uma vez por todas nesta altura de humanidade, equânime e lúcida, profundamente ética, de onde as provas e as decepções não o fizeram descer", como o descreveu maravilhosamente X. Tilliette (cf. Ar-

chives de Philosophie 43 (1980) 520). Atualidade de um pensamento que desconcerta justamente porque, como disse F. Marty, chega àquilo que está tão próximo, tão familiar, que nos irrita um pouco por não o termos visto nós mesmos mais cedo (cf. p. 347). Eric Weil, ou aquela generosa multiplicação do bom senso, como diriam em coro P. Reboul e L. Sichirollo.

A apresentação das Atas do Colóquio Internacional de Chantilly poderia terminar sobre esta nota comovente e verdadeira sobre o homem e o filósofo, de cuja atualidade elas são um testemunho loquaz. O dever da crítica me faz prolongar ainda um pouco esta prestação de contas, com alguns reparos não muito agradáveis, e tanto mais indesculpáveis quanto elevado é o nível da obra que acabo de apresentar. É evidente que as falhas e imprecisões que passo a apresentar devem-se, em maior parte, aos descuidos dos autores das comunicações, descuido incompreensível em especialistas que se dispõem a enriquecer a discussão de uma das filosofias mais fecundas do nosso tempo. Não vou me deter nos poucos mas existentes erros de imprensa. Repasso agora a obra, apontando as falhas e imprecisões devidas, creio, à negligência dos autores.

Na comunicação de J. Wilfert encontro 3 transcrições imprecisas de textos de EW: na p. 67, linha 14, *l'autre* não está sublinhado por EW e, na linha 18 a palavra *souverains* encontra-se entre aspas no texto de EW; nas pp. 69-70 encontro uma longa citação da LP, 79 que apresenta 8 deformações do texto: na p. 69, *ainsi* no lugar de *aussi*, na p. 70, linha 5, *elle-même* em lugar de *soi-même*, na linha 7 o texto correto é *ne se comprennent qu'imparfaitement*, na linha 9 encontro *ses intentions* que deve ser lido no singular e, na mesma linha um *donc* inexistente no texto de EW, na linha 12 em vez de *le discours ou les discours* leia-se *le discours et les discours*, e, finalmente, na linha seguinte leia-se *discours qui se tiennent et qui se sont tenus*. Na p. 87, P. Livet cita um texto da LP, 431 grifando, sem advertir o leitor, certas palavras que não estão grifadas na LP. Na p. 95, P. Venditti não grifa as palavras *n'existait* e *insensée* que estão grifadas por EW no texto citado de EC, I, 286-287. A comunicação de G. Even-Granboulan é a que reúne o maior número de imprecisões: a nota 19 da p. 195 não se refere a PM, 149 mas sim a EC, I, 149, a nota 20 da mesma página cita PP, 57 mas o texto encontra-se na p. 56. Na página 196 as notas 25 e 26 apresentadas juntas como referentes a PP, 46 devem ser lidas: n. 25. PP, 44 e n. 26. PP, 45. Na mesma página, a nota 29 coloca entre aspas toda uma frase que não se encontra no texto citado de

EC, I, 206, e o mesmo erro se repete na nota 33 da p. 197; ainda nesta mesma página, a nota 35 que diz *Idem* não se refere a nenhum texto de PP, 12 ( e que, infelizmente não consegui encontrar). Na p. 208, L. Battaglia cita na n. 7 a PM, 142 mas o texto não se encontra no lugar a que é referido (também não consegui encontrar a sua localização exata). Na p. 236, onde L. Amodio se refere a PM, 331 leia-se LP, 331. A. Gouhier, na p. 251 cita a LP, 442 sem grifar *est ouvert* grifado por EW. Na p. 261, L. Sichirolo diz que "a política é a moral em marcha" sem se referir à localização desta afirmação na PM, 213, e, na mesma página cita a LP, 394, 397, 410 sem colocar corretamente as aspas para distinguir as citações, e nenhum texto da LP, 394 aparece entre as citações ali feitas. Na p. 267, onde se lê 1950 como a data da publicação da *Filosofia Política* leia-se 1956. A nota 12 da comunicação de P. Burgoni não figura no rodapé da p. 277. Na comunicação de J. Roy, o texto de PK, 159-160 citado no final da p. 306 não grifa *principe e perversion* que assim estão no texto de EW, e grifa *immoral* que, por sua vez assim não está no texto de EW. Na mesma comunicação, p. 309, n. 18, onde se lê PR, 215 leia-se PP, 215. No texto de J. Lebrun, p. 318, linha 26, leia-se corretamente: *le bonheur (n') est (qu') un devoir*. Na comunicação que P. Billouet, p. 327, penúltima linha, em lugar de LP, 221 leia-se PM, 221. Na p. 359 do texto de M. Barale, a referência a HLP, 54 deve ser lida LP, 54. O texto de EW reportado por P. Marignac na p. 384 como sendo de HE, 107 encontra-se em HE, 105. Finalmente, na comunicação de J. Salem, p. 391, há confusão e imprecisão nas notas: a nota 13 refere-se a HE, 108 e não 107, a nota 14 refere-se a HE, 107 e não 19, a nota 15 não é assinalada no texto e refere-se a HE, 19 e não 22 e, ainda, a nota 16 que é assinalada no texto mas não aparece no rodapé refere-se a HE, 22.